

Exortação aos Gregos:
A helenização do cristianismo em Clemente de Alexandria

Rita de Cássia Codá dos Santos

Resumo: Esta pesquisa versa sobre a importância da retórica clássica e da cultura grega na edificação do cristianismo. Analisa-se, aqui, o legado de Clemente de Alexandria à doutrina cristã, através de sua obra *Exortação aos Gregos (Protreptikòs pròs Hèllenas)*, um lídimo produto da cultura de seu tempo: a Segunda Sofística.

Palavras-chave: Clemente de Alexandria, cristianismo, retórica, literatura grega, síntese cultural.

Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) representa o que há de mais original na literatura grega patrística. De suas obras emanam um grande vigor artístico e um humor que chega, em alguns momentos, às raias do sarcasmo e da ironia, sem, no entanto, deixar de ser comedido e agradável ao leitor. Sua *Exortação aos Gregos*¹, apesar de ser um discurso parenético visando a converter os gregos ao cristianismo, é um autêntico testemunho da eloquência e da cultura literária de seu tempo: a Segunda Sofística.

Erudito recém-converso, Tito Flávio Clemente tenciona mostrar aos helenos que o cristianismo é “a filosofia das filosofias”, que tem em Cristo - o Logos divino - o seu mestre e hierofante. Para isso, suas bases teológicas são as Escrituras judaicas, atreladas ao método alegórico de Filon de Alexandria, os Oráculos Sibilinos - como fonte das verdades reveladas, ao lado dos profetas dos hebreus - e a cultura grega. Seu intento é demolir o politeísmo greco-romano e apresentar a doutrina cristã como verdade universal. Entretanto, Clemente, por sua

formação eminentemente grega, não conseguia se desvincular de sua tradição ancestral e, destarte, resolveu seguir os passos dos apologistas conciliatórios que, como Justino, o Filósofo, e Atenágoras (autodenominado “o filósofo cristão de Atenas”), acreditavam poder chegar ao conhecimento de Deus tanto pela fé como pelo racionalismo. Seguindo, portanto, o lema de Justino – “a Lei para os judeus, a filosofia para os gregos; a Lei, a filosofia e a fé para os cristãos” – o *Stromateús*² vai se voltar para as elites cultas de Alexandria afirmando que o cristão é, de fato, o verdadeiro gnóstico, e que se pode, também, chegar ao conhecimento de Deus pela inteligência, pois a própria filosofia dos gregos o prova, em alguns momentos.

Clemente se dirige aos gregos de Alexandria por meio de um discurso protréptico ou advertência filosófica, como costumava acontecer quando os filósofos se dirigiam aos leitores dos altos escalões da *urbs*. Esse tipo de discurso se caracteriza por exortar a uma mudança de vida, por intermédio da filosofia ou do estudo das ciências; como gênero literário remonta a Platão e Aristóteles, aos estóicos, passando pelas epístolas e sermões horacianos, e, possivelmente, tem suas raízes fincadas nos antigos iambógrafos que exortavam sobre costumes os cidadãos atenienses. Na época de Clemente, Alexandria é ainda o centro do helenismo e um gigantesco empório industrial e comercial. Suas instituições de ensino superior eram um modelo de organização; cultivavam-se ali com raro brilho a filosofia e as ciências da natureza; gregos, romanos, judeus, cristãos e gnósticos heterodoxos conviviam com cultos egípcios, e o templo de Sarápis ainda dominava toda a metrópole. Os aspectos cultural, cosmopolita, liberal, tolerante e hospitaleiro eram cantados em prosa e versos. Ninguém melhor do que o poeta Herondas (séc. I d.C.) immortalizou o caráter dissoluto, liberal e intelectual de Alexandria do Egito, como se pode ver no *Mimo I*, vv. 26-35:

Tudo quanto
pode existir ou produzir-se na terra, encontra-se no Egito:
fortuna, desporto, poder, céu azul, glória,
espetáculos, filósofos, ouro fino, lindos rapazes,
templo dos deuses adelfos, o rei tão bom,

museu, vinho, todas as coisas boas que se podem desejar,
e mulheres, tantas mulheres...

Em meio a todo esse ecletismo e sincretismo religioso, Alexandria se prepara, no dizer de J. Daniélou e I. Marrou, para desempenhar, no fim do século II e início do III, um papel importante na história das idéias: o de ser o pólo da fé e da filosofia cristãs.

Para fazer com que os gregos de Alexandria volvessem um olhar benevolente em direção ao cristianismo - nas circunstâncias de tensão e muita polêmica em que se encontravam cristãos, judeus e pagãos -, Clemente, como um fino produto da Segunda Sofística, usa de estratégias retóricas que, acrescidas de sua verve poética e cultura literária, irão tornar a sua *Exortação* uma obra inédita e sob a égide da tradição ancestral. Seu discurso aos gregos é muito mais uma apologia do que uma exortação, principalmente se tomarmos como paradigma o célebre discurso protréptico de Aristóteles ao rei Temisão de Chipre, tornado, por sua objetividade e clareza, exemplo do gênero e modelo para filósofos, moralistas estoicos e Padres da Igreja.

O autor do *Protreptikòs pròs Hèllenas* tinha plena consciência do que significava argumentar frente aos gregos a respeito dos dogmas cristãos. Ele próprio reconhece que, para convencer seus pares, “a filosofia só não é suficiente.” Disso resulta a gama de informações, relatos e detalhes ligados à tradição religiosa e literária dos helenos que se encontram nos escritos clementinos. Muitos desses relatos, assim como fragmentos de poetas e informações sobre ritos de iniciação têm, nas páginas do *Stromateús*, a sua única fonte de registro. Destarte, o objetivo de sua *parénesis* é chamar a atenção dos gregos para a nova doutrina e seu sentido de deus e de homem. Clemente quer atingir a sensibilidade dos helenos e escandalizar o seu racionalismo e a sua arrogância em face do cristianismo. Para isso ele começa com a apresentação de Cristo como o Logos divino que, com seu cântico novo – os seus ensinamentos – faz sucumbir a tradição religiosa dos súditos do Império Romano. Os *mistérios* com seus ritos orgiásticos e o politeísmo com seus deuses, seus templos, suas

estátuas e seus sacrifícios sangrentos se mostram aos cristãos e, sobremaneira, aos eruditos apologistas, como algo abominável, irracional e imoral.

Com um *exórdio* que é, metaforicamente, um verdadeiro prelúdio, pois o cântico do Logos é tido como o preâmbulo de uma nova ordem universal, Clemente remonta aos preceitos aristotélicos que afirmam ser o *exórdio* o análogo retórico do prelúdio musical. A escolha da música como *leitmotiv* ressalta não apenas a idéia estóica da harmonia do universo, mas também a importância dessa arte como fator encantatório, persuasivo e místico, no âmbito da cultura grega, aqui usado, segundo Perelman, como argumento retórico *ad humanitatem*:

O meu Êunomo canta não à maneira de Terpandro, nem à maneira de Céprio, nem à maneira frígia, nem à lídia, nem à dória; ele canta segundo o modo eterno da nova harmonia, a que traz o nome de Deus, o *cântico novo*, o cântico dos levitas, “que dissipa a angústia, suaviza a cólera e faz esquecer todos os males”: um remédio doce e persuasivo, temperado pelo canto. (*Exort. aos Gregos*, I 2, 4)

A dimensão literária do discurso toma, por conseguinte, diversas formas, de acordo com a especificidade de cada tópico, assim como a relação com o receptor e a emoção do autor. No *exórdio*, Clemente apresenta a argumentação que constitui o *essencial* de sua *Exortação*: Cristo é o Logos de Deus. E, visando a atuar sobre a disposição anímica de seus leitores /ouvintes, com a finalidade de persuadi-los à conversão, o autor escolhe a ordem *homérica* ou *nestoriana* de apresentação dos argumentos: começar e terminar com argumentos fortes, deixando no meio todos os demais. Com idêntico objetivo apresenta-se a seleção de expressões familiares aos gregos que suscitem argumentos espontâneos. Portanto, as idéias e os conceitos concernentes a Cristo não poderiam deixar de ser apresentados senão por meio do imaginário grego: ‘o logos divino’ (*ho lógos theíos*), ‘o cântico novo’ (*tò âsma kainón*), ‘o logos celeste’ (*ho lógos ouránios*), ‘o bom médico dos corpos doentes’ (*ho iatròs agathòs tôn nosoúnton somáton*), ‘o nobre agonista coroado sobre o teatro do universo’ (*ho gnésios agonistès epì tò, pantòs kósmou theátro, stephanoúmenos*), ‘o salvador sempiterno’ (*ho proòn sotér*), ‘o demiurgo’, (*ho demiourgós*), ‘o mestre’ (*ho didáskalos*). Também se usam formas

verbais próprias da lexicografia dos *mistérios*, a saber: ‘o que purifica’ (*katharsíon*), ‘revela’ (*apokalúptei*) e ‘inicia nos *mistérios*’ (*epopteúetai*). Com esses epítetos metafóricos, Clemente tenciona enfatizar e completar o conhecimento que os gregos tinham à cerca de Jesus, pois, como afirma Perelman, o papel da metáfora fica mais evidente em função da teoria argumentativa da analogia.

A importância das figuras de estilo na conduta da inteligência – especialmente a metáfora, concebida por Aristóteles como um traço de união entre a retórica e a poesia – é inegável, posto que contribui, *a fortiori*, não apenas para as relações de similitude, mas também para a compreensão de conceitos quer reais, quer abstratos. Outro fator importante em Clemente é a conformidade das imagens discursivas com a cosmovisão grega e as circunstâncias de seu tempo. Assim, a idéia estóica da harmonia universal (*harmoía tôn pánton*) com seu modo eterno (*aídios nómos*), representada pelo ‘cântico puro’ (*tò âsma tò akératon*) do Logos, que se harmoniza com o homem, ‘o instrumento harmoniosíssimo de Deus’ (*órganon toû theoû panarmónion*) - o microcosmo -, transforma as equivalências em argumentos gnosiológicos, uma vez que o *Stromateús* queria algo mais que uma base filosófica para o cristianismo, queria encaixá-lo na própria história do pensamento grego.

O primeiro capítulo do *Protréptico* é uma espécie de metonímia de toda a obra; aí o autor empenha toda a sua eloquência; aí estão as mais belas metáforas, antítese e comparações que unem - ora por continuidade, ora por descontinuidade - os *mistérios* pagãos e o cristianismo, pois como infere Butterworth, os Padres apologistas conciliatórios não refutavam a idéia geral dos *mistérios* nem seus ensinamentos, mas aquilo que se prendia ao primitivismo de suas origens, como os *sýnthemata* (os passes), os *hierá* (os objetos sagrados) e algumas simbologias rituais (representações de casamentos sagrados etc). Cristo, portanto, se apresenta, para Clemente, como o *pontifex maximus*, o *mistagogo* do verdadeiro e único Deus, a quem Ele revelou os seus *mistérios*, e que abrirá a porta da salvação a todos os seus iniciados.

A ação de Clemente sobre seus leitores é uma espécie de agressão, posto que seu procedimento argumentativo, no dizer de Perelman e Olbrecht-Tyteca, é, acima de tudo, uma ação de um indivíduo sobre outros indivíduos com o objetivo de mudar-lhes as convicções. Daí a importância e a autoridade das provas (*pístis*) “que devem levar toda mente bem constituída a reconhecer a verdade”. O espetáculo cultural que o *Stromateús* apresenta aos gregos, como argumento, é deveras digno de contemplação, pois, para os antigos, a argumentação devia proporcionar uma espécie de visão, para que se pudesse chegar à verdadeira contemplação.

Os filósofos, Clemente os considera a todos como ateus e os trata com um certo desdém, principalmente os estóicos que, segundo ele, desonravam a filosofia. Aristóteles e seu emérito discípulo Teofrasto são postos de lado, assim como Epicuro; apenas Platão merece alguns comentários: o autor declara ter o filósofo ateniense recebido dos bárbaros a sabedoria (filosofia), embora o Mestre da Academia ocultasse esse fato. Para Clemente, Platão não é o legado mais importante da filosofia grega, mas sim Antístenes, Xenofonte de Atenas, Cleante de Pédaso e os pitagóricos.

Os poetas Orfeu, Arato, Homero, Hesíodo, Eurípides, o Pseudo-Sófocles e Menandro perceberam, como afirma o Alexandrino, que não podiam fazer grande coisa sem o *logos* da verdade. Constrangidos por esta verdade, os servidores das Musas se lançam a satirizar os deuses em suas obras. Antes, porém, Clemente reconhece terem sido esses mesmos poetas porta-vozes da tradição politeísta dos helenos, mas, depois, afirma que, com o tempo, eles se deram conta de que se haviam enganado. O autor do *Protréptico* acusa os gregos de se terem envergonhado da verdade. Se conseguiram vislumbrar, de maneira mais eficiente que outros povos, algumas centelhas do Logos divino e entenderam algumas poucas verdades, por que motivo, então, não chegaram até o fim? Mas a Sibila e os profetas dos hebreus apontaram o verdadeiro caminho. Desprovidas de pretensão estilística, as Escrituras são as rotas da

economia da salvação. A Sibila, por sua vez, é a figura emblemática da síntese entre judaísmo e cultura helênica; em seguida, vêm os profetas - principalmente Jeremias, Isaías e Oséias - e o patriarca Moisés, como arautos do Espírito Santo, ratificando a onipotência do deus judaico-cristão. Com isso, Clemente consigna autoridade a seu discurso e estabelece alguns traços de continuidade entre o cristianismo e a tradição grega; e os maiores destaques dessa síntese, na *Exortação aos Gregos*, são as alusões a Ulisses e Tirésias.

O estratagema de Ulisses para ouvir o canto das sereias (a busca do conhecimento), como metonímia da inteligência grega, é retomado por Clemente e recebe uma amplitude mística:

Navega para além desse cântico, artesão da morte; basta que tu o queiras, e eis vencedor da perdição; preso ao madeiro, tu te livrarás de toda corrupção, o Logos de Deus será o teu piloto, e o Espírito Santo te fará atracar nos portos celestes; então tu contemplarás o meu Deus, tu serás iniciado em seus santos mistérios, tu usufruirás dos bens secretos do céu... (*Exort. aos Gregos*, XII 118, 4)

Tirésias, por sua vez, vem unir as extremidades do discurso – *introito* e *peroratio* -, conforme o padrão *homérico* ou *nestoriano*, uma vez que o autor retoma a imagem da montanha sagrada de Sião - o palco consagrado aos dramas da verdade, onde o coro dos justos e dos anjos celebra a glória do verdadeiro Deus -, em oposição aos montes Hélicon e Citéron, palco das *oreibásiai* e de outros ritos orgiásticos. Nesse passo, o adivinho Tirésias, personagem-símbolo da religiosidade grega, aqui tomado como metonímia dos seguidores dos mistérios dionisiacos, é exortado à conversão:

Vem a mim, ó ancião, tu também deixa Tebas, abandona o vaticínio e o culto de Baco, deixa-te levar pelas mãos da verdade; vê, eu te dou o madeiro para nele te apoiares; apressa-te, Tirésias, crê: tu verás! O Cristo brilha mais que o sol, ele que faz os olhos dos cegos verem; a noite fugirá para longe de ti, o fogo se amedrontará, a morte deixará de existir; tu verás os céus, ó ancião, tu que não vês Tebas! (*Exort. aos Gregos*, XII 119, 3)

Por fim, Clemente se volta mais uma vez para Homero, a fonte da tradição grega, e se apropria do grito de Heitor (*Iliada*, XVII, 220) quando este tentava reunir seus aliados: “Escutai, tribos inumeráveis”... (*kéklute, myría phýla...*). Com esse apelo, o *Stromateús* tenta

exortar todos os homens, gregos e bárbaros, ao que ele considerava como a verdadeira filosofia.

A helenização do cristianismo em Clemente de Alexandria foi um processo de inculturação que exigiu muita habilidade retórica, valorização das culturas envolvidas e uma ampla visão humanística. Ele reconhecia na doutrina cristã o final de um processo que começou com os hebreus e foi pressentido por alguns filósofos e poetas do ecúmeno helenístico. Havia, de fato, uma necessidade de mudanças naquele momento, e as mentes mais abertas e cultivadas entendiam que os saberes herdados de Platão e de Aristóteles, da filosofia estóica, do pitagorismo e do monoteísmo judaico-cristão tinham de entrar numa espécie de acordo para salvaguardar a Antigüidade tardia.

Abstract: This research shows the importance of classical rhetoric and the role of Greek culture in the edification of Christianity. The Clement of Alexandria's work and his legacy to the Christian doctrine will be analyzed in his *Exhortation to the Greeks (Protreptikòs pròs Héllenas)*, which stands as one of the most prominent masterpieces of the literary culture of that time: the Second Sophistic.

Keywords: Clement of Alexandria, rhetoric, Christianity, Greek literature, cultural synthesis.

Notas

¹ Gregos, aqui, tem um sentido amplo, pois abrange não apenas os helenos mas também aqueles que eram helenizados e os súditos romanos da parte do Império que falava grego

² Antonomásia de Clemente de Alexandria, por alusão a uma de suas obras, os *Strómata*.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Protreptikos*. Einleitung, Text, Übersetzung und Kommentar von Ingemar Düring. Frankfurt am Mein: Vittorio Klostermann, 1979.

_____. *Retórica*. Edición del texto con aparato crítico, traducción, prólogo y notas por Antonio Tovar. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953.

CAMPENHAUSEN, Hans von. *Griechische Kirchenväter*. Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1967.

CASSIN, Barbara (Org.) *Le plaisir de parler*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1986.

CLEMENS ALEXANDRINUS. *Protrepticus und Paedagogus*. Veranstalter: Otto Staehlin. Leipzig: J. C. Hinrichs Buchhandlung, 1936.

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. *Le Protreptique*. Introduction, traduction et notes par Claude Mondésert et André Plassart. Édition revue et augmentée du text grec. Paris: Éditions du Cerf, 2004.

CLEMENT OF ALEXANDRIA. *The Exhortation to the Greeks*. Translation by G. W. Butterworth. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

KNAUBER, Adolf. *Die patrologische Schätzung des Clemens von Alexandrien bis zu seinem neuerlichen Bekanntwerden durch die ersten Druckeditionen des 16. Jahrhunderts*. Münster: Festschrift Johannes Quasten I, 1970.

MEYER, Michel. (Org.) *Histoire de la Rhétorique (Des Grecs à nos jours)*. Paris: Le Livre de Poche, 1999.

PERELMAN & OLBRECHT-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUASTEN, Johannes. *Patrología I – Hasta el Concilio de Nicea*. BAC. Madrid: La Editorial Católica, MCMLXI.